

A Linguagem da Academia Cearense de Letras

(ESTUDOS DE FILOLOGIA GERAL E DIALETAL PORTUGUESA)

(Continuação)

MARTINZ DE AGUIAR

II

A LINGUAGEM DE ANTÔNIO SALES

PARÊNTESE CORRETIVO

Como já disse, pretendo neste estudo, baseando-me na linguagem dos escritores que constituem a Academia Cearense de Letras, fazer uma comparação, quanto possível ampla, do português do Brasil com o de Portugal, tanto na sua expressão literária como na familiar e na popular, examinando as diferenciações que se vão operando, fonéticas, sintáticas, semânticas, léxicas e, por ventura, até morfológicas.

Tendo começado o meu estudo com a apreciação das obras do ilustre poeta e prosador Sr. Antônio Sales, procurei apreender primeiro o plano a que obedece a sua frase e, hoje, devia mostrar-lhe os individualismos, no prosseguimento do esquema geometrizado, que tudo farei por seguir. Mas o eminente escritor acaba de publicar outro livro, "Retratos e Lembranças" («Waldemar de Castro e Silva—Editor», Fortaleza, 1938), que tem, a macular-lhe a excelência do labor intelectual e a beleza do labor material, uma verdadeira caterva de erros de composição e revisão. Nessas condições, como poder continuar, conscientemente, o meu estudo, sem apurar primeiro o que existe aí da responsabilidade do escritor, que por felicidade entre nós vive, e o que há de levar-se à conta da composição ou revisão? O Sr. Antônio Sales é artista dos que melhor sabem o seu ofí-

cio, e maneja a lingua com simplicidade e elegância encantadoras. Não podemos, levemente, atribuir-lhe erros grosseiros, capazes, alguns deles, de inutilizar para sempre qualquer homem de letras.

O próprio autor dos "Retratos e Lembranças", depois de referir-se à «confusão gráfica que, entre outras confusões mais graves, reina neste momento», diz cauteloso:

«Apresso-me também em apresentar aos meus leitores as minhas excusas por diversos sinões tipográficos que escaparam à revisão desta obra.» (P.7)

E o interessante é que, na mesma ressalva, vem a palavra *excusas* escrita com dois esses, o que fez, não sei se o autor ou o editor, cortar um, à tinta de escrever.

Atentemos em primeiro lugar em alguns dos erros que indiscutivelmente escaparam à revisão:

« , no dia do seu 59 natalicio. » (P. 18)
Por 59.^o.

« a posição de chefe da literatura nacional, *para qual* o designava o consenso. » (P. 24) Por *para a qual*.

« , *accidulada*. » (P. 27) Tem apenas um *cê*.

« *eles* me *teria* valido a entrada » (P. 32) *Teriam*.

«Ao par de *Garret*, *Herculano* e *Castilhos*. » (P. 40) É *Garrett*, João-Batista da Silva Leitão de Almeida Garrett, e poderia ser *Garrete*, como já escrevem alguns, à vista do aportuguesamento fonético da palavra. E é *Castilho*, por não tratar-se do político Júlio de *Castilhos*, mas do grande escritor Antônio Feliciano de *Castilho*.

« *á* obras. » (P. 47) *A*, sem acento.

« , com os olhos *fixo*. » (P. 68) *Fixos*.

« nobresa » (P. 70) Em lugar do esse, um *zê*.

« , *cumprimentál-o*. » (P. 77) Confusão entre o anterior *cumprimental-o* e o atual *cumprimentá-lo*.

« , só muito tarde se poderia chegar *á casa* para almoçar. » (P. 77-8) *A casa*, como *em casa*, *de casa*.

«Orador á inglez,» (P. 79) *Á inglesa.*

«. no "O Paiz",» (P. 106) Este caso merece nota ampla, que farei adiante.

«*Qualquer* que sejam as convicções religiosas e philosophicas que se possuam,» (P. 143) *Quaisquer.*

«., graças á perseverança e o valor mental.» (P. 147) *Ao*, em vez de *o*.

«Naquele *lar*. frequental-*a*.» (P. 153) *Frequentá-lo.*

«., preciosa "*menagère*",» (P. 154) "*Ménagère*", com dois acentos, o primeiro agudo, o segundo grave.

«. *advinhar*.» (P. 158) *Adivinhar*, ter faculdades *divinas*.

«. suas *elocubrações* de pensador e de estheta.» (P. 159) *Elucubrações*; nada tem com *elocução*.

«. querem a *finá força* filiar nossa intellectualidade ao passado literario de Portugal,» (P. 169) *Á fina torça*, *a* acentuado; é uma locução fixada. E é assim que está na página 178.

«Disso é prova um episodio que me foi contado por José Verissimo. Este havia recebido da Europa um livro, não *lembra* qual,» (P. 191) *Não me lembra qual.*

«. essa *grammatica* e *glossaria* da lingua.» (P. 197) *Glossário.*

«. o homem, ainda o mais *altamente e munido* de intelligencia e vontade,» (P. 208) Falta um adjetivo depois de *altamente*, ou então há de suprimir-se a conjunção cumulativa que se lhe segue.

«Lidando com a "*genus irritabili*" por excellencia,» (P. 219) *O "genus irritabile"*, o artigo no gênero masculino e o adjetivo latino no neutro.

«Trabalhador infatigavel, a despeito de sua fragil saúde, elle fazia o milagre physico e mental de *lecionar* na Escola Normal, *dirigir*, como dirigiu por bastante tempo o Externato do Collegio Pedro II (então Gymnasio Nacional), *collaborava* na imprensa (JORNAL DO COMMERCIO, NOTICIA, CORREIO DA

MANHÃ, PROVINCIA DO PARA' etc., *dirigia* a "Revista Brasileira" (que lhe custou um enorme esforço e acabou dando um prejuízo grande para a sua pequena bolsa) e ainda *elaborar* os livros que formava reunindo os artigos publicados na imprensa.» (P. 220) Deixando de lado casos de grafia, como *prejuiso*, por *prejuizo*, devemos notar a falta do parêntese a fechar o *etc.* e a disparidade dos imperfeitos *colabarava* e *dirigia* (em vez de *colaborar* e *dirigir*) a concordar com *lecionar*, *dirigir* e *elaborar*.

«....., homens de letras e do "monde"—.....» (P. 224) "*Du monde*".

«....., mas sem *jatancia*,» (P. 225) *Jactância*.

«..... se Nabuco o não *houvesse chamado* a si e *exigisse* o seu concurso para a missão de que a Patria o havia encarregado,.....» (P. 226) *E não exigisse*, pois que exigiu; ou, então, e melhor, *exigido*, a concordar com *chamado*.

«....., criada á imagem e semelhança *ao* seu alto espirito e sua alma generosa.» (P. 246) *Do*.

«....., e os seus livros não são *outra* sinão o diário sentimental de sua existencia.» (P. 252-3) *Outra coisa*.

«Bilac só observou as no. mas parnasianas no tocante ao esmero da forma; quanto á idéa, salvo *uma outra* composição em que ha o proposito de impassibilidade,.....» (P. 273) *Uma ou outra*.

Esses erros vê-se claramente que não são devidos ao estilista superior das "Aves de Arribação" e ao escumilhador delicado das "Poesias" e da «Minha Terra». A sua existência nos "Retratos e Lembranças" deixa-nos até perplexos quanto a outros casos de linguagem, perfeitamente explicaveis, mas que, por censurados pelos puristas, são talvez relegados pelo Sr. Antônio Sales, o qual, a pesar de não ser exagerado em assuntos de purismo, não se pode entretanto convencer a empregar uma locução de uso geral e transparente como *de quando em vez*, ou um advérbio de extraordinária força de expressão como *propositadamente*. Vou passar revista a esses casos, mas começando pelo passo «..... no «O Paiz».....», que citei acima.

O "*O País*".—Não é só na página 106 dos "Retratos e Lembranças" que aparece um título de jornal com dois artigos idênticos; o absurdo vem noutras páginas:

«..... a secção theatral da "*A Notícia*".» (P. 107)

«..... a redacção do "*O Libertador*"» (P. 152)

«....., tendo como órgão a "*A Quinzena*".» (*Ibidem*)

«..... fazer camaradagem com o grupo do "*O Libertador*",» (P. 154)

«Suas chronicas do "*O Paiz*",» (P. 209)

Os tipógrafos e revisores, acompanhando jornalistas de poucas letras, estão de tal maneira imbuídos da incorrecção, que nos fazem incidir nela, quando, empregando embora a forma verdadeira, nos dirigimos à imprensa. Isso já me aconteceu mais de uma vez, como acontece agora ao Sr. Antônio Sales, como tem acontecido a vários escritores e filólogos, entre os quais me lembram no momento os Srs. Artur Ramos, Andrade Murici, José Rizzo, Estevão Cruz e Lindolfo Gomes.

Os títulos ou designações de casas comerciais, teatros, navios, jornais, livros, etc., ora recebem o gênero do nome designativo, ora o recebem da coisa designada. Assim, tratando-se de um teatro, dir-se-á o "*Princesa-Isabel*"; tratando-se de um couraçado, dir-se-á o "*Santa-Cruz*". Mas, se nos referirmos a uma escuna, galeota ou fragata, o que diremos será a "*Saldanha-da-Gama*". Quando o designado é uma loja de modas, conquanto o mais comum seja o gênero do designativo, não é raro ver a palavra loja impor o feminino: o "*Crisântemo*", mas também a "*Crisântemo*"; "*As Torres*"; "*O Gabriel*", "*A Estrela-do-Oriente*", mas "*A Cearense*", "*A Maranguape*", "*A Cruzeiro*". Os títulos dos jornais, livros e revistas requerem o gênero do designativo: a "*Iracema*", o "*Colombo*"; a "*Tribuna*", o "*Correio do Ceará*"; o "*Pã*", a "*Careta*". É a tradição de todos os tempos da língua. O ilustre jornalista e escritor Sr. Boavida Portugal procedeu em Lisboa, no ano de 1912, a um inquérito à vida literária portuguesa,

o qual, em 1915, a "Livraria Clássica Editora" publicou em elegante volume. Nesse livro interessante, verifica-se plenamente, quanto ao emprego do artigo junto a título de publicações, o uso já estabelecido ou as meras tendências de uso, até mesmo o molde daquela que vem abusar do senso comum. Antes, porém, de fazer as citações devidas, cumpre-me lembrar que, ao tempo, havia em Portugal três revistas notáveis, intituladas "A Águia", "A Rajada" e "Dionysos", as duas primeiras com o nome antecedido do demonstrativo puro, ou, para servir-me da linguagem comum, ditada ora pelo erro, ora pela brevidade,—do artigo. O nome da terceira é uma palavra grega, que deu origem ao latim *Dionysus* e ao português *Dioniso*; o mesmo é que *Baco*, o alegre filho de Júpiter e Sêmela. Podemos agora recorrer às citações, para provar que livros, jornais e revistas pedem o gênero do designativo :

«A sua obra filia-se na "*Tereza Raquin*", na "*Madame Bovary*", de Flaubert», no "*Demi-monde*", do Dumas filho.» (Gomes Leal, "Inquérito literário", p. 44.)

«Veja o realista delicado, subtil, o paisagista, sobretudo, que ele é na "*Madame Chrisantème*"!» (*Id.*, *ib.*, p. 45.)

«, dir-lhe-ei que considero muito os poetas seguintes : ; Teófilo, nas "*Tempestades Sonoras*", que foi realmente um êxito; Junqueiro, nas "*Sátiras*" ; Fausto Guedes, no "*Amor*" ; ; João de Barros, no "*Anteu*"; Correia de Oliveira, no "*Auto do tím do dia*"; » (*Id.*, *ib.*)

« e o "*Dionysos*" com o esquecido "*Tira-Teimas*", » (F. Adolfo Coelho, *ib.*, p. 77.)

«O "*Tira-Teimas*" coimbrão » (*Id.*, *ib.*, p. 80.)

« ? e o "*Dionysos*" ? » (João Amaral, *ib.*, p. 158.)

«Um jornal de Lisboa, a "*Republica*", » (Mayer Garção, *ib.*, p. 319.)

Se, porém, um nome designativo de publicação já tem por si mesmo o artigo—"O Povo", "O Estado", "O Nordeste"—, como se deve proceder? Pronunci-

amos *u-pôvu, u-ixtádu, u-nòrdéxti*. Muito bem. Mas como é que havemos de escrever?

A prosódia é bem elucidativa, e a escrita, para ser boa, há de acompanhá-la de perto.

A tradição literária, vinda já do português clássico, é tirar o artigo, ainda que seja necessário à frase, especialmente se o nome vem determinado por qualquer outra espécie de adjunto:

«Fez, por este modo, que os *Lusiadas* constassem de uma acção unica;» (Francisco Evaristo Leoni, "Camões e os *Lusiadas*", p. 175; Lisboa, A. M. Pereira, 1872.)

«Fizemos ver a importancia politica dos *Lusiadas*; a influencia que exerceram no animo abatido dos portugueses,» (*Idem, ibidem.*)

«Há ainda, nos "*Lusiadas*", um verso—» (Manuel Bandeira, "Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Parnasiana", publicada pelo Ministério da Educação e Saude, Rio, 1938; p. 263.)

«Na edição critica dos "*Lusiadas*"» (*Idem, ibidem.*)

Mas vamos abeberar-nos no precioso manancial do "Inquérito":

«Veja quão grande distancia vai dêle até à "*Morte de D. João*"!» (Júlio de Matos, p. 18.)

«., tende a extinguir-se o supersticioso pavor que inspirava a lombada dos "*Lusiadas*"» (Lopes de Mendonça, p. 24.)

«.—dizia o nosso Alencar dos "*Maias*".» (Augusto de Castro, p. 37.)

«., Eça morria em França, deixando, como testamento literário, êsse poema da "*Cidade e as Serras*",» (*Idem, p. 39.*)

«.; Junqueiro, nos "*Simples*";; Lopes Vieira, no "*Pão e as rosas*";» (Gomes Leal, p. 45.)

«., e até certo ponto o "*Instituto*",» (Gonçalves Viana, p. 62.)

«Um escritor primoroso, aquele que verteu para excelentes versos franceses a "*Ceia dos Cardiais*",» (*Idem, p. 71.*)

«O título "*Aguia*" é característico,» (F. Adolfo Coelho, p. 79.)

«. muito mais modesta que a *altiva* "Aguia".» (*Idem*, p. 80.)

«Essa "Aguia" que tanto preocupa» (Veiga Simões, p. 91.)

«Terminando: a Renascença não existe; existe a "Aguia".» (Júlio Brandão, p. 99.)

«Pois não denunciava o "Seculo", há poucos meses,?» (Malheiro Dias, p. 112.)

«A revista "Aguia", que foi a sua primeira realização,» (Raul Proença, p. 123.)

«. a rêtorica imitativa da "Morte de D. João".» (*Idem*, p. 126-7.)

«., mas não sabia que tambem era da tal "Aguia".» (Júlio de Matos, p. 136.)

«., vem a dizer que a "Aguia"» (*Idem*, *ibidem*.)

«E a "Rajada" ? » (João Amaral, p. 158.)

«. a revista "Aguia",» (Gomes Leal, p. 191.)

Modernamente, costuma tambem conservar-se o artigo do nome designativo, e então, se ele vem precedido de preposição, ou esta se mantem íntegra ou se combina com o artigo:

«O autor de "A Holanda"» (Augusto de Castro, "Inquerito", p. 38.)

«. e que deixou o seu imperecível monumento em "As Farpas"» (*Id.*, *ib.*, p. 39.)

«Mas a revista literaria "A Aguia"» (Boavida Portugal, *ib.*, p. 51.)

«"A Aguia" é um daqueles feitos.» (Gomes Leal, *ib.*, p. 51.)

«"A Aguia" é uma rapaziada.» (*Idem*, *ibidem*.)

«. um opusculo reproduzido de "O Instituto",» (F. Adolfo Coelho, *ib.*, p. 76.)

«., por exemplo, de "A Aguia".» (*Id.*, *ib.*, p. 77.)

«. contra o seu orgão "A Aguia",» (Júlio de Matos, *ib.*, p. 137.)

«. e a cujo esforço a revista "A Aguia" muito deve,» (Boavida Portugal, *ib.*, p. 161.)

«E isto sobretudo refere-se á questão da revista "A Aguia",» (Gomes Leal, *ib.*, p. 190.)

« , girando sob a firma social de — "A *Aguia*" .» (Sousa Costa, *ib.*, p. 213.)

« Colaborador de "A *Rajada*" .» (Garcia Pulido, *ib.*, p. 235.)

Há outra tendência moderna, também puramente literária como a anterior, que consiste em preferir o gênero do designado e, no português geral, desde os primeiros tempos, com momentos apenas de hesitação, tem símile em o *Apocalipse*, o último dos livros canônicos do Novo Testamento, diferente de a *apocalipse*, e em o *Gênese*, o primeiro livro do Pentateuco, diferente de a *gênese* :

« O ilustre autor do "Sombras", concordando plenamente conosco, » (Boavida Portugal, "Inquérito", p. 28.)

Exemplo esse a contrastar com este outro :

« Nós, os rapazes do meu tempo, deste luminoso seculo que os senhores viram nascer, receiosos e perturbados, lemos as "Sombras", » (João Amaral, *ib.*, p. 158.)

E mais :

Nenhum romantico poderia escrever um *soneto* como o "Alma minha gentil", » (Fernando Pessoa, *ib.*, p. 147.)

« escutamos, na "Dionysos", a voz sapiente » (João Amaral, *ib.*, p. 159.)

« Convindo saber onde é que na "Dionysos" se encontram essas luminosidades transcendentes, » (Albino de Meneses, *ib.*, p. 207.)

« , a "Dionysos" mais parece um brinco de colegiais em horas de ócio, » (*Idem*, *ibidem*.)

« Para que a "Dionysos" pudesse, » (*Idem*, *ibidem*.)

« o inquérito á vida literária, aberto pelo "República" .» (José Simões Coelho, *ib.*, p. 306.)

Assim, o admiravel escritor que é o Sr. Antero de Figueiredo, um dos grandes mestres da prosa portuguesa atual, escreveu :

« , disse V. Ex.^a, entre opiniões controversas e afirmações menos certas, o seguinte a respeito da revista portuense — "A *Aguia*" — » ("Inquérito", p. 130.)

E logo depois :

"E eu que colaborei *na* — "A *Aguia*" com dois artigos," (*Ibidem*)

Igualmente, o Sr. Fernando Pessoa :

« um artigo meu, publicado *na* "A *Aguia*", » (P. 139)

Foi a má compreensão da leitura de passos como esses que levou alguns jornalistas meio iletrados a usar o "O Estado", do "O Estado"; o "O Povo", no "O Povo"; o "O Nordeste", ao "O Nordeste"; a "A Razão", da, na, à "A Razão"; os "Os Simples", dos, nos, aos, pelos "Os Simples"; as "As Novidades", das, nas, às, pelas "As Novidades", — coisas esquiáticas e incompreensíveis.

Entretanto, bastava ver que ninguém diz, por exemplo, *us us-simpliz*, para atentar na enormidade da tolice. O que significaria esse primeiro *os*? *Livro*? *Poema*? Não pode ser! *Livros*? *Poemas*? Muito menos ainda!

O correto é *o* ou "O Estado", *do* ou *d'*"O Estado", ou ainda *de* "O Estado"; *a* ou "A Razão", *na* ou *n'*"A Razão", ou ainda *em* "A Razão"; *os* ou "Os Simples", *aos* ou *a* "Os Simples"; *as* ou "As Novidades", *para as* ou "As Novidades". Com a preposição *de* pode-se ainda empregar o apóstrofo: *d'* "A Razão", *d'* "Os Simples". O Dr. José Leite de Vasconcelos, filólogo dos mais notáveis da Europa, gosta de usar o traço-de-união (*d-*"O Estado", *n-*"As Novidades"), quando se trata de preposição contratil.

Literariamente, não seria erro escrever o "O Povo", se parelhamente se escrevesse o "A Razão", o "Os Simples", o "As Novidades", considerando o-culta a palavra *jornal* e *poema* ou *livro*, como fizeram os Srs. Boavida Portugal e Simões Coelho a respeito do livro "Sombras" e do jornal "República", e empregando consequentemente dois artigos, como fizeram os Srs. Antero de Figueiredo e Fernando Pessoa a respeito da revista "A Águia".

Isso foi perfeitamente compreendido pelo nosso "Estado" (14-VI-938), referindo-se ao livro que o ilustre escritor Sr. Leonardo Mota está escrevendo sobre a "Padaria Espiritual":

«O "A Padaria Espiritual" está sendo caprichosamente confeccionado »

Como quer que seja, há um caso em que, obrigatoriamente, o artigo do nome designativo desaparece. É quando lhe juntamos um adjetivo, nome ou pronome: *comprei DOIS "ESTADOS" de hoje, ESTE "POVO" está bom, quem me dera escrever tão BELLOS "SIMPLES"!, chegaram as MINHAS "NOVIDADES"*.

A escrita certa aparece em outras páginas dos "Retratos e Lembranças":

« devia ter presente aos olhos "O senador" de Béranger.» (P. 41)

«Logo depois assumiu a direcção do "Libertador",» (P. 151)

«, nesse vigoroso e tragico livro que é a "Fome".» (P. 184)

« o modelo para o Jacyntho das "Cidades e as serras",» (P. 198-9)

« levando como credencial o "Mulatto",» (P. 229)

«, o segundo, que é o Rui Vaz da "Conquista",» (*Ibidem*)

Noutros lugares, o Sr. Antônio Sales aceita a sintaxe, também literária e moderna, de aplicar aos títulos a regra geral dos nomes próprios, isto é, não lhes dá artigo, ainda que o contenham:

«O autor de "Lendas e Canções Populares"» ("Retratos", p. 37.)

« os dois poemas em prosa, que são "Guarany" e "Iracema",» (*Ib.*, p. 179.)

«, quiz applicar os mesmos processos a "Iracema",» (*Ib.*)

«"Iracema" não se analysa,» (*Ib.*)

«"Guarany" é um poema cujas inverosimilhanças desaparecem.» (*Ib.*)

«E ainda temos o grande romance de aventura tentado em "Minas de Prata",» (*Ib.*, p. 180.)

« essa joia de observação e de "humour", que é "Garatuja".» (*Ib.*)

«Ali se gerou "Chanaan"» (*Ib.*, p. 224.)

« á transcendencia mental de que nasceu "Chanaan".» (*Ib.*, p. 225.)

«"Malazarte". representada em Paris, é um erro de composição—.» (*Ib.*)

«*Viagem Maravilhosa*“, livro desigual, excessivo,» (*Ib.*, p. 227.)

« segue-se "*Cantos e Contos*“, » (*Ib.*, p. 255.)

« Bilac o traçou em "*Profissão de Fé*“, » (*Ib.*, p. 273.)

Felizmente, os grandes jornais já começaram a reagir contra a absurdez que a revisão deixou a macular o excelente livro do escritor cearense, a qual vinha assumindo proporções inacreditáveis, como se verifica destas citações:

«*Votação Do O Reajustamento*» (Título de artigo publicado n-"*A Razão*“, de Fortaleza, 22 de Dezembro de 1936, página 7, 1ª. coluna.)

«Terra apanhada na margem do mais lindo rio do mundo, para o campo de foot-ball do "*O estádio mais bonito do Brasil*“» ("*Unitario*“, de 17 de Agosto de 1938.)

Don.—Nos "*Retratos e Lembranças*“ aparece a grafia *don* uma vez na página 9 e três vezes na página 10. A escrita portuguesa é *dom*, como *bom*, *som*. O ene é uma influência do castelhano, por intermédio do tão conhecido *Don Juan Tenorio*. Mas não temos sequer necessidade de dizer *Don Juan*. Podemos e devemos dizer *Dom João*, como é geral e como fez Guerra Junqueiro.

Varnhagem.—Na página 39 está *Varnhagem*, com eme, e na 197 *Varnhagen*, com ene. Como escreverá o autor? A palavra é alemã e em alemão é *Warnhagen*, como grafava o ilustre escritor a quem pertencia o nome, que foi foneticamente aporuguesado em *Varnhagem*, razão pela qual muitos assim o escrevem. Entre esses me alisto eu.

Responder a carta.—« , e era eu quem *lhe respondia as cartas* como primeiro forneiro da "*Padaria*“.» (P. 57)

O verbo *responder*, quando significa *dar resposta*, tem como objeto direto aquilo que constitui a resposta e como objeto indireto aquilo que a provoca. Não se diz que *se responde um telegrama*, mas que *se responde qualquer coisa a um telegrama*.

Não se responde, pois, uma pergunta; responde-se a uma pergunta.

O *lhe* da frase transcrita é apenas um objeto indireto de pertença; portanto, o que aí se diz é: *eu respondia as suas cartas*. Está na função de objeto direto o que provoca a resposta e, não, o que a constitui. Essa sintaxe, que é popular e familiar, parece absurda à primeira vista, por que, se se der à proposição o outro objeto direto, o verdadeiro, ficará, estranhamente, com dois. A questão, porém, é que, no caso, não se enuncia aquilo que foi respondido. Quando se pensa em fazê-lo, constrói-se outra frase. É o que ouvimos todos os dias na língua falada:—*Já respondi o telegrama dele. Comuniquei-lhe que, etc.*

Por mais que se objete, é uma sintaxe natural perfeitamente acorde com muitas outras, como a dos verbos *fitar* e *fixar*, e tão comum, que já se emprega, a cada passo, a voz passiva: *o telegrama foi respondido*.

Discreção.—Lê-se *discreção* na página 71, *indiscrição* na 84 e *discrissão* na 164.

A grafia *indiscrição*, em que logo se percebe a lembrança de *descrição* (verbo *descrever*), nem um minuto sequer merece atenção. As outras trazem-nos a dúvida ao espírito: o autor prefere *discrissão*? prefere *discreção*? aceita as duas formas indistintamente?

A pesar de aparecer frequentemente na literatura, e de usar-se na língua falada (pelo menos no Brasil, onde se ouve tanto *indiscrição* como *indiscreção*, se não mais este), os puristas não aceitam a forma com *e*, que Cândido de Figueiredo considera pretensiosa, e o luminoso Gonçalves Viana não a menciona nos seus dois vocabulários. Mas a verdade é que não se trata de mero caso de grafia, mas de prosódia na realidade existente. Portanto, *discreção* é também português.

O latim *discretionem* e *processionem*, para não falar em outras palavra de igual terminação, deu-nos *discrissão* e *procissão*, com *i*, em vez de *e*, por ter-se verificado a influência analógica de vocábulos como *partição* e *missão*. Depois, outra intercorrência analó-

gica veio a dar-se. Assim como a *contrato* corresponde *contração*, a *correto* *correção*, a *inscrito* *inscrição*, assim também a *discreto* veio corresponder *discreção*. É a lógica imperturbável da linguagem, a subtrai-la a quanta regra ou lei impensadamente erigem aqueles que desejariam vê-la esticada num molde geométrico.

Obcecação, obsessão.—Temos em português os verbos *obcecar* e *obsidiar*, com os derivados ou cognatos *obcecação*, *obcecado*, *obcecador*, *obcecante*, e *obsídio*, *obsidiado*, *obsidiante*, *obsidente*, *obsessor*, *obsesso*, *obsessão*.

Obcecar, o latim *obcaecare*, é *cegar*, *ofuscar*, *obscurer*, *desvairar*. *Obsidiar*, o latim *obsidiari*, corresponde ao francês *obséder* e significa *armar cilada*, *sítar*, *perseguir*, *atormentar*, *importunar*.

As duas palavras parecem bem longe significativamente uma da outra. Entretanto, podemos deixar-nos *obcecar* por uma idéia ou coisa. Estamos então *obcecados*, dominados por cegueira espiritual, por uma *obcecação*. E, se isso nos atormenta, estamos igualmente *obsidiados*, somos uns *obsessos*, estamos dominados por atroz *obsessão*. Demais, como uma *idéia fixa* é coisa que atormenta, essa expressão veio a ter um sinônimo em *obsessão*. Mas a *obsessão*, idéia fixa, é um desvairamento, e *obcecação* é também o mesmo que *desvairamento*.

Essa proximidade semântica teve dois efeitos:

a) Vários autores, dos mais notáveis, cometem o erro de escrever ora *obsecar*, com esse, ora *obcediar*, com cê;

b) Alguns escritores empregam *obcecação* por *obsessão* ou juntam as duas palavras, ou os seus equivalentes, na mesma frase.

Lê-se na página 85 dos "Retratos":

« , mas, com a clarividência dos *obsessados por uma idéia fixa*, »

E na página 168 está *obscessão*, que representa um cruzamento entre o correto *obsessão* e o errado *obsessão*:

« , é *obscessão* de fanaticos »

Na página 256, porem, volta-se à escrita certa:

«O lar paterno era uma *obsessão* sentimental de Belmiro.»

A "*sans façon*".—O francês *sans façon* usa-se substantivamente, dando-se-lhe o gênero masculino, a pesar de *façon* ser feminino. Portanto, se em português achar alguém que deve servir-se da expressão francesa, não há de dizer senão o "*sans façon*". Mas, como o correspondente português é feminino, a *sem-cerimônia*, é bem provável que tenha concorrido essa circunstância para que o Sr. Antônio Sales mesmo, e não o compositor, desse o feminino à expressão francesa :

«. chuchurrearem calices de curaço, com a mesma "*sans façon*" com que o faria você» (P. 86)

Deixando se acumular.—«. e sobre o qual as novas gerações vão *deixando se acumular* o pó do esquecimento.» (P. 103) «Isso era mais viável para Machado, cujos typos letrados *podiam se exprimir*, sem escandalo, com correção clássica.» (P. 178) «., mas não parando em nenhuma daquelas em que *podia se ter feito* um mestre.» (P. 241)

No português geral, quando um pronome oblíquo se interpõe numa locução ou expressão verbal, liga-se encliticamente à primeira forma: *deixando se acumular*, *podiam se exprimir*, *podia se ter feito*.

No português do Brasil (e penso que aí não há mais do que a continuação de um costume, clássico, que ainda não conseguí comprovar, mas de que tenho já indícios promissores), no português do Brasil, o pronome, em lugar de unir-se encliticamente à primeira forma, passou a unir-se procliticamente à segunda, levado pelo fator sintático, pois que, em verdade, é a ela que vem a servir de determinante: *deixando se acumular*, *podiam se exprimir*, *podia se-ter*. Cândido de Figueiredo, na página 217 do segundo volume do livro "O que se não deve dizer" (4ª ed., "Livreria Clássica Editora". Lisboa, 1929), diz que em rigor se poderia escrever ligando o pronome, por meio do traço-de-união, à segunda forma verbal, tal como faço aqui para traduzir com exatidão a pronúncia brasileira. O ilustrado e elegante escritor era profundo no conhecimento da língua, que

manejava como um acabado mestre, mas não era propriamente filólogo, muito menos foneticista; por isso, não sei até que ponto poderá a sua afirmação ser tomada a sério no que respeita a Portugal. Quanto ao Brasil, é de precisão incomparável.

De fato, o que todos nós dizemos — eruditos, classe média, povo — é *vem me-ver, vou te-dar*, etc. E a sintaxe, de tão geral, passou para os maiores escritores do Brasil, com exceção apenas dos que se deixam arrastar pela tradição literária ou fazem questão de guardar conformidade com o português de Portugal.

Do nosso uso, decorrem várias consequências, de ordem gráfica, fonética e sintática, algumas inteiramente contrárias ao estabelecido no português geral:

a) Deixou-se de ligar na escrita o pronome à primeira forma verbal (com exceção apenas de casos especialíssimos, como *viu-se reprovár* a par de *viu se reprovár*, coisas mui diversas): *veio me visitar*, por *veio-me visitar* (daí, *foi se embora*, escrito desnecessariamente *foi simbora* pelos que pretendem fotografar a pronúncia do povo);

b) Foi-nos possível empregar a variação pronominal depois dos futuros do presente e do pretérito: *farei te levar, viria te buscar*, por ou ao lado de *far-te-ei levar, vir-te-ia buscar*;

c) Foi-nos possível juntar a variação a um participio: *depcis de ter ele consentido no acordo e se assinado tudo*, por *e de se ter assinado*;

d) O *s* das primeiras pessoas do plural deixou de cair junto a *nos*, por ter desaparecido o liame que a elas o associava: *vamos nos encontrar lá amanhã*, por *vamo-nos*.

Epopéia histórica geográfica. — «A parte a *epopéa histórica geographica* de Camões,» (P. 168)

A gramática pederia *histórico-geográfica*, por que inventou a regra de que o composto de adjetivos só gua da a variabilidade do último, conservando-se os outros no masculino singular. Nada mais falso, e nenhuma falsidade mais seguida!

Quando dois ou mais adjetivos se anexam para compor o designativo de uma qualidade, tenham ou

não o traço-de-união, concordam eles todos com o substantivo que determinam: *religião católica apostólica romana, os dicionários portugueses-franceses, epopéia histórica geográfica*. Daí, os *surdos-mudos*, que está como exceção (quando é a regra!) em todos os compêndios.

Quando dizemos *guerra russo-japonesa, fenômenos físico-químicos, guerra austro-italiana, ou ítalo-austríaca, epopéia histórico-geográfica*, etc., temos aí apenas um tema, e nem sempre adjetival, a vogal de ligação *o* e um adjetivo. Ora, assim como não se diz *estudos psicoss-analíticos*, nem *princípios geos-morfológicos*, não se há também de dizer *relações francas-brasileiras*, como flexão de *francô-brasileiro*.

Por outras palavras. Em *epopéia histórica geográfica*, temos a expressão natural da língua, pertencente aos meios popular, familiar e erudito. Em *epopéia histórico-geográfica*, temos um adjetivo puramente erudito, formado de *históric* (tema adjetival) + *o* (vogal de ligação) + *geográfica* (adjetivo).

Uma prova do que fica exposto é que, enquanto se pronuncia *súrdu-múdu*, pronuncia-se *russô-japonês, físico-químico, austrô-italiano, ítalo-austríaco, istórico-geográfico, psicô-analítico, geô-morfológico, francô-brasileiro*, etc. Outra prova, também irrespondível, é que não dizemos *austro*, mas *austriaco*, em relação à Áustria; poderíamos dizer, mas não dizemos, *italo*, e. sim, *italiano*, em relação à Itália; não dizemos *psico*, mas *psíquico*, em relação à psique; não dizemos *franco*, mas *francês*, em relação à França.

Digito gigas.—As palavras *digito* e *gigas*, um ablativo e um nominativo, singulares ambos, entram na expressão *ex digito gigas*, que significa *pelo dedo o gigante*, isto é: *para reconhecer o gigante, basta sentir-lhe o dedo*.

Mas no livro que analisamos vem apenas *digito gigas* e na função sintática de sujeito: «sente-se o "digito gigas"». (P. 201) Parece-me que não houve aí erro de revisão, mas um engano do escritor, que no momento não pensou convenientemente na formação da expressão latina. O que deveria estar era *digitus*

gigantis, um nominativo e um genitivo, isto é: *dedo do gigante*.

À *distância*.—Com o nome *distância* constituimos duas expressões adverbiais sinônimas, *a distância* e *na distância*, a primeira sem artigo, a segunda com artigo.

Por que numa aparece o artigo e na outra não?

Mera questão de uso, pois a verdade é que tanto pode ele empregar-se como deixar de empregar-se, sem nenhuma modificação de sentido. E como *a distância* tende a fixar-se, mas não o está ainda, lê-se algumas vezes, especialmente em escritores brasileiros, *à distância*. E' o que nos mostra a página 218 dos "Retratos":

« um certo tom "farouche", que, visto *à distância*, parecia impertinencia ou orgulho, »

Psiqué.—Eu, por mim, pronuncio, e, como professor, ensino, *psique*, de acordo com o processo latino, e até por que a palavra grega foi latinizada. Mas daí a sustentar que a pronúncia *psiqué* é erro ou francesismo vai uma incomensuravel tolice. Não pode ser francesismo, por que as palavras que assentam no grego *psychê* são em francês proferidas com *x*, quando o *ch* vem antes de *e* ou *i* (*psyché*, *psychique*), ou com *k*, quando o *ch* vem antes de outra vogal (*psychanalyse*, *psychologie*). E não pode ser um erro, por que nem mais nem menos é do que a acentuação grega, aceita por alguns nessa como em muitas outras palavras portuguesas o é por todos.

E' *psiqué* o que está na página 238:

« Sua complexa *psiqué* fugia ás classificações. »

Ser preciso.—« E não lhe *foi preciso* para vencer nem *as brilhantes qualidades físicas*, nem *os impulsos* da audácia, » (P. 243)

Na página 24, § 22, da "Syntaxe Historica Portuguesa" (Lisboa, "Livraria Clássica Editora", 1918), professa Epifânio Dias, de fato um grande mestre de português e de filologia portuguesa:

«Nas locuções *ser necessario*, *ser preciso*, empregadas como predicados antepostos ao sujeito, os adjectivos *necessario*, *preciso* podem empregar-se substantivamente :

Nam é necessario mais auctoridades (Barros, *Ropica*, 178).

E' necessario... uma derradeira prova d' esforço (Herc., *Eur.*, 246).

Com outros adjectivos tal pratica é insolita :

Nam te parece que lhe fora mais saudavel menos perfeições intellectuaes ? (Barros, *Dial. da Vic. Verg.*, 263).

He tambem perigoso prácticas deshonestas (Fr. Ant. de Sousa, *Man. de Epicteto*, cap. 55).

Varium et mutabile semper femina (Verg., *Aen.* IV, 569; vid. *Madv.* § 211, b, obs. 1).»

A lição de Epifânio não está muito na verdade. As expressões imutáveis *ser preciso* e *ser necessario* são da lingua falada e só por descuido tem entrado, uma vez ou outra, na literária. Nem é por que os dois adjectivos se tenham substantivado, atraindo por isso o verbo para o singular, que se dá a discordância. A causa é muito outra. Primeiramente, é de notar que em todo o domínio da lingua portuguesa, há, no povo, uma forte tendência para por o verbo no singular quando o sujeito plural vem depois dele. Alguns escritores modernistas brasileiros tem, ousadamente, dado guarida nos seus livros a essa syntaxe, como se pode facilmente verificar lendo os Srs. Mário de Andrade ou Jorge de Lima. O "Heróe de Chaimite", delicioso livro do escritor lusitano Eduardo de Noronha, foi mal revisito; mas, se não cochilou ainda uma vez a composição, e a revisão com ela, dá-nos tambem um exemplo na página 222 :

«Ainda *augmenla* o meu desalento os *exemplos* d'outras guerras de Africa.» (Porto, "O Primeiro de Janeiro", 1906.)

E' a essa tendência que se deve a imobilidade do verbo *ser*, que semelhantemente traiu o admiravel mestre de estilo que é Mayer Garção ("Excel-sior", p. 44 ; Porto, 1907, Chardron.) :

«Foi esses instintos que o tenente do "D. Amelia" imprudentemente feriu.»

Se fosse devida à substantivação do adjetivo, poderia igualmente o verbo deixar de concordar com o sujeito plural nos casos em que viesse depois dele, como neste pedaço de um diálogo posto pelo Sr. Samuel Maia no "Sexo Forte", um dos grandes romances do Portugal de hoje :

«— *Coisas inocentes não é pecado...*» (P. 50 ; 3ª ed., Bertrand, Lisboa.)

A inflexividade do adjetivo é devida à inflexividade do verbo a que serve de complemento e com que vem sempre junto.

Em *ser preciso* ou *necessário*, formas que se generalizaram na lingua falada, irrompendo às vezes pela escrita, deu-se outro fenômeno: a sua equivalência aos verbos cognatos *precisar* e *necessitar*, que se usam impessoalmente na lingua popular, menos em Portugal, mais no Brasil: *precisa livros* = *é preciso livros*, *necessita muitos homens* = *é necessário muitos homens*. O espírito do homem do povo vê em *é necessário* ou *preciso* um todo verbal, um verdadeiro verbo conglomerado, cujo complemento é o que se lhe segue.

O caso de *ser bom* (*pimenta é bom*) é um pouco diferente e mais aproximado do latim, invocado por Epifânio e que vai achar os seus símiles perfeitos em frases como *agua é pouco*. Os sentidos mais comuns do adjetivo *bom* são os de *saboroso*, *sadio*, *probo*, *caridoso*, *facil*, *favoravel*, com que pode funcionar como adjunto, restritivo e explicativo, ou como atributo. No sentido de *util*, *conveniente*, usa-se em geral como atributo. Daí, ver-se em *ser bom* uma equivalência a *servir*, *convir*, e tornar-se quanto possível imutavel a expressão, o que é auxiliado pelo fato de haver frequentemente grande diferença entre *bom* inflexivo e *bom* flexivo. Examine-se, por exemplo, esta frase: *cerveja BOA é BOM para o estômago*. É *BOA toda a paciência*, em comparação com *é BOM toda a paciência*. É uma sintaxe até literária, por que foi imposta por elementos que faltaram às similares.

Abeberar. — «Sua obra, principalmente didática, é um manancial abundante e generoso a que vieram

abeberar várias gerações de jovens brasileiros.» (P. 244)

Terá o autor escrito efetivamente *abeberar*, ao envés de *abeberar-se*?

Abeberar, verbo transitivo, é *dar de beber a, matar a sede de, levar a beber, regar*. Portanto, no sentido, normal ou figurado, de *beber*, há de ser *abeberar-se*. É a mesma sintaxe de *dessedentar* e *dessedentar-se*.

Baseados nisso, dirão, não só gramáticos e puristas, mas até filólogos notáveis, que é um feio dislate a manchar a correção da frase do Sr. Antônio Sales, se dele é a sintaxe. Eu, porém, discordo, e sinceramente declaro que vejo nesse emprego uma beleza sem par.

Como é um dos pontos que serão minuciosamente deslindados na "Linguagem da Academia Cearense", à vista de citações colhidas desde o mais antigo ao mais moderno português, limito-me a fazer aqui notar que o desaparecimento da variação pronominal da mesma pessoa do sujeito é uma simplificação que começou com os verbos pronominais e estendeu-se pelos outros, quando assumiam aspecto pronominal. Ainda hoje se diz *rir* ou *rir-se*. Por analogia, *o comércio fechou-se* ou *fechou*, *abriu-se* ou *abriu*, *eu casei-me* ou *casei*, *recolhi-me* ou *recolhi*, *ele abebera-se na fonte* ou *abebera*.

Lembrar-se.—«*Lembra-me* vivamente do Graça Aranha do tempo da "Revista":» (P. 225)

A sintaxe normal é *lembra-me isso* ou *lembro-me disso*. Na língua falada, as duas modalidades cruzaram-se, resultando um terceiro tipo, irregular, que se tornou de tão extenso uso, que não muito raro reponta na literatura: *lembra-me disso*. Assim, o verbo terminou por assumir o valor de impessoal.

Eu poderia fazer outras correções ao novo livro do ilustre sócio efetivo e presidente de honra da Academia Cearense de Letras, mas o que aí fica é o essencial e é mais do que suficiente para demonstrar a descara que presidiu à revisão de provas dos "Retratos e Lembranças", obra de valor real, que se lê com todo o gosto e com muito proveito.